

Juvenes Translatores

PDF generated for translation No.: 511 from student id: 10097

TRANSLATION

Sailing is vital

When I say I'm a sailor, a lot of people imagine me on a beautiful yacht that advances boldly on a calm sea under a tropical sun. Even though there are some truly idyllic moments in sailing, I guarantee you that it is not always the case. A lot of times I find myself dead tired, wet and freezing, worried about the sailing, the sails, and the storms, and I find myself thinking: "What am I doing here? For as long as I remember this, I won't do it again!" .

But then I quickly forget. After all, as the song goes, sailing is vital, living isn't vital...

The last adventure that I got myself into was a solo transatlantic regatta. If cruising on calm waters is already difficult, then racing is madness. It's days and nights on end during which you don't sleep, you hardly eat, there is no time to think or rest, and nobody to turn to for advice or help. It is always non-stop, always fighting to get that extra knot of speed that will allow you to advance some positions, trying to guess the wind progressions in order to avoid the wind lulls that make you fall behind.

But, thinking it over, it could be worse. Only by experiencing this, can you properly appreciate the feats of the explorers that would go "by seas never before sailed" without so much as a map, much less satellite navigation, without weather charts or freeze dried food, or thermal equipment, without a motor or electricity. They didn't know where they were going, they would die of scurvy, and would disappear in shipwrecks. Only their faith and their courage guided them.

They often ask me how one deals with the solitude. Well, it is relatively easy because, without anyone around, there is no solution, no temptations. You stay fully concentrated, the work is incessant and you can't lose time thinking about what you can't control. We learn to deal with our strengths and our weaknesses. Your tiredness starts to grow. You enjoy the superb freedom of being all alone. Sometimes I sing, I talk to myself, and (I confess) I say swear words out loud. I take advantage of the rare moments of lull to rest, repair the breakdowns, and prepare for what is to come.

Despite all the hardship and sacrifices, in the end, the sea makes it up to us with all its beauty, its immensity, its tremendous power. When we overcome it, when we arrive at our destination after crossing an ocean, we know we have achieved something truly remarkable.

After all, as Pessoa's poem says, the sea holds both danger and the abyss, but it is in it that the heavens are mirrored!

Juvenes Tradutores

PDF generated for translation No.: 511 from student id: 10097

SOURCE TEXT

Navegar é preciso

Quando digo que sou velejadora, muitas pessoas imaginam-me num veleiro lindo, que avança intrépido num mar plácido sob um sol tropical. Embora haja momentos verdadeiramente idílicos na navegação, garanto-vos que nem sempre é assim. Muitas vezes encontro-me morta de cansaço, molhada e enregelada, preocupada com a navegação, as velas e as tempestades, e dou por mim a pensar: «Mas o que é que eu estou aqui a fazer? Enquanto me lembrar desta, não me meto noutra!».

Mas depois esqueço-me rapidamente. Afinal de contas, como diz a canção, navegar é preciso, viver não é preciso...

A última aventura em que me meti foi uma regata transatlântica em solitário. Se já em cruzeiro, nas calmas, é difícil, em corrida é uma maluqueira. São dias e noites seguidos em que quase não se dorme, mal se come, não há tempo para pensar ou descansar, nem ninguém a quem pedir conselho ou ajuda. Sempre sem parar, sempre a lutar para ganhar aquele nó extra de velocidade que permitirá avançar umas posições, a tentar adivinhar a evolução do vento para evitar as acalmias que nos deixam para trás.

Mas, vendo bem, até podia ser pior. Só passando por isto é que se dá o devido valor aos feitos dos descobridores que iam «por mares nunca de antes navegados» sem sequer um mapa, quanto mais navegação por satélite, sem boletins meteorológicos nem comida liofilizada, nem equipamento térmico, sem motor nem eletricidade. Não sabiam para onde iam, morriam de escorbuto, desapareciam em naufrágios. Só a fé e a coragem os guiavam.

Perguntam-me por vezes como é que se lida com a solidão. Bom, é relativamente fácil porque, sem ninguém por perto, não há solução, não há tentações. Mantém-se ao máximo a concentração, o trabalho é incessante e não se pode perder tempo a pensar no que não se pode controlar. Aprendemos a lidar com as nossas forças e as nossas fraquezas. Gere-se o cansaço. Goza-se a soberba liberdade de estar só por nossa conta. Às vezes canto, falo sozinha e (confesso) digo palavrões em voz alta. Nos raros momentos de acalmia, aproveito para descansar, reparar as avarias e preparar-me para o que aí vem.

Apesar de todas as dificuldades e sacrifícios, o mar acaba por nos compensar com toda a sua beleza, a sua imensidão, a sua força tremenda. Quando o vencemos, quando chegamos ao destino após atravessar um oceano, sabemos que alcançámos algo de verdadeiramente notável.

Afinal, como diz o poema de Pessoa, o mar tem o perigo e o abismo, mas nele é que está espelhado o céu!